

Práticas linguísticas de subalternos encarcerados

Amanda Moreira Tavares

Discente do curso de Pós-gradua o em Letras e Linguística, Mestrado em Estudos Linguísticos UFG – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil.
amanda.dma@hotmail.com

A presente proposta de discussão visa a abordar o uso social da escrita por indivíduos presos da Unidade Prisional de São Luís de Montes Belos – Goiás. No âmbito carcerário   construído um saber social que institui o indivíduo preso como um corpo geo-político marcado (MIGNOLO, 2009). O preso   constituído por marcas de marginaliza o devido ao espaço em que está inserido. O presídio não é um espaço dialógico de intera o, o subalterno, que é o preso, não possui o agenciamento da fala (SPIVAK, 2010). Os corpos e o lugar se subalternizam, um ao outro, simultaneamente: o corpo marca o lugar e o lugar marca o corpo. Se a fala, a voz, é uma instância de poder e, por isso, é negada a esse corpo-político, a escrita o é muito mais! A escrita, é uma instância de poder,   investida de poder, é um investimento de poder. Historicamente, a escrita é poder, as línguas de cultura são as línguas escritas e, mais ainda, as línguas que possuem literatura escrita can nica. Portanto, escrever é poder. A esse corpo subalternizado, o encarcerado,   negada a liberdade – colonialidade do ser –   negada a voz (pela nega o da audi o da voz), mas lhe dado o direito de escrever, porque esperava-se que esse sujeito, desprovido da instrumentalidade da escrita, não conseguisse acessar o direito que lhe era dado. Diante disso, sob a  tica da sociolinguística, objetiva-se discutir e realizar um exercício de pensamento sobre as práticas escritas que possuem fun o social para os indivíduos encarcerados. Visto que, embora seja um espaço geo-histórico marcado, evidencia-se um rizoma (FREITAS, 2016), que é a oportunidade que os presos possuem de redigir peti es ao juiz da comarca, com intuito de questionar sobre a progressão de seu regime prisional ou, no caso de estarem no regime semiaberto, redigirem pedidos de saída temporária e/ou indulto. São evidenciadas assim as estratégias de resistência pela linguagem e pela escrita destes indivíduos, em um espaço constituído por práticas de dociliza o, silenciamento, estigmatiza o e encarceramento sócio, psíquico e linguístico dos corpos subalternizados presos. Os textos escritos por presos podem apontar a existência de um letramento de resistência (FREITAS, 2016), que diverge do que é imposto pela hegemonia, ou seja, peti es que são escritas e analisadas pelo Juiz de direito que fogem do padrão hegem nico, único, correto, puro e est tico. Para interpretar tais práticas escritas subalternizadas fundamenta-se na decolonialidade, de acordo com o entendimento de Mignolo (2003; 2009) e Quijano (2010).

Palavras-chave: Decolonialidade. Encarceramento. Letramento. Subalternidade.